
10. O MILITANTISMO ESTUDANTIL UNIVERSITÁRIO: UMA ANÁLISE SOBRE AS CARREIRAS MILITANTES DE DIRIGENTES DO DCE/UFS (2000-2015)

Adrielma Silveira Fortuna dos Santos¹

Introdução

Esse *paper* tem como objetivo analisar as carreiras militantes de 12 ex-presidentes (as) do DCE, focando o olhar nas experiências de militância, nos espaços de socialização e na origem social como elementos que fazem parte das diferentes lógicas de engajamento individual e de organização estudantil (OLIVEIRA, 2005; REIS, 2009). Para tanto, foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas, além de conversas informais com esses dirigentes e pesquisa documentos e eletrônica.

Os espaços de socialização e a construção de redes sociais antes do engajamento no movimento estudantil universitário é algo importante para o engajamento e a continuidade na militância (OLIVEIRA, 2005; 2010; REIS, 2009). Observamos que além de algumas relações de amizades prévias ao movimento estudantil universitário terem sido fundamentais para a adesão e continuidade de alguns dirigentes do DCE ao militantismo, a continuidade no militantismo em outros casos só ocorre quando a socialização na militância consegue penetrar de forma densa em outras esferas de vida, ou seja, quando os militantes passam a investir nas suas redes de relações políticas, quando dedicam maior parte do seu tempo à militância e não a outras atividades como ir às aulas, participar de encontros familiares, trabalhar em funções que impossibilitem a militância.

A participação e continuidade no militantismo resultam, como Oliveira (2005) destaca, de um processo individual, no qual os atores avaliam os “custos” e “benefícios” de seu engajamento. Notamos que esse processo de decisão dos atores envolve uma avaliação de vários aspectos de diferentes esferas da vida como, por exemplo, profissional, acadêmico, familiar, afetivo e moral. Nessa comunicação mostramos também que, alguns dirigentes, após

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela UFS, Mestre em Sociologia e Doutoranda em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS. Integrante do Laboratório do Estudo do Povo e da Política –LEPP/UFS. adrielmac.s@gmail.com

saírem do cargo de presidente do DCE, se desengajaram do militância; isso tem haver com as ponderações que cada um deles fizeram sobre sua participação. Segundo Oliveira (2005), a ponderação pode ocorrer de duas formas: por um lado, através da “instrumentalidade de um bem coletivo” (sensibilização geral, publicização da causa, participação dos outros); por outro lado, pela integração nas redes sociais, sejam elas informais (conhecimentos e amizades) ou formais (reuniões, ida à sede das organizações, participação em eventos do movimento ou de organizações).

A análise de carreira de Becker (2008) permite compreender de forma processual e sequencial o engajamento individual, interligando, por exemplo, os aspectos vinculados às condições sociais de origem dos militantes com a inserção desses em vários espaços sociais diferentes, e perceber como esses espaços se conectam e permitem explicar o engajamento em determinadas causas. Entender os espaços de socialização e as formas de organização do movimento estudantil universitário é de suma importância, pois apenas o nível escolar e profissional dos dirigentes não permite explicar e justificar sua adesão e sua permanência no movimento estudantil, por isso, analisamos de forma relacionada essas diferentes esferas (escolar, familiar, profissional, política, etc.) (OLIVEIRA, 2010; REIS, 2009).

A comunicação segue da seguinte forma: na primeira seção são apresentados os primeiros espaços de participação política, a formação acadêmica e as esferas de socialização militante e política dos ex-dirigentes; na segunda seção, são apresentados e caracterizados os tipos de carreiras militantes; e por fim, a conclusão onde constam algumas considerações sobre o que foi apresentado.

1. Origem social, formação acadêmica, esferas de socialização política e militante

Os espaços de socialização política podem ser bastante variados, para alguns, os cursos de formação política ou comícios de políticos durante o período eleitoral podem significar o evento que marca o início da participação política e o despertar para a militância. Para outros, as redes informais como, por exemplo, as amizades e o conhecimento, como ressalta Oliveira (2005), podem constituir e demarcar a entrada na militância e sua manutenção. A socialização prévia e a construção de redes pré-existentes ao movimento estudantil universitário, em alguns casos, observamos que foi fundamental para que os dirigentes “acessassem a política estudantil”, no entanto, observamos que a ausência dessas

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

redes, bem como a falta de socialização em espaços de formação política, encontros, congressos, em algumas trajetórias, influenciou na não continuidade da militância. Isto porque a participação constante nesses espaços possibilita a construção de redes sociais densas e inserem os estudantes em um ambiente em que a maioria dos participantes compartilha dos mesmos desejos, tem visões de mundo semelhantes e reivindicam as mesmas causas, isso produz, entre outras coisas, um fortalecimento das redes sociais e do sentimento de pertencimento ao grupo.

Para objetivar a apresentação dos 12 ex-dirigentes do DCE entre o período de 2000 há 2015, construímos quatro quadros que apresentam o perfil social, perfil acadêmico, o engajamento dos pais e amigos na militância e o perfil militante.

Quadro 1 - Perfil social

Nome	UF	Cor	Religião	Estado Civil	Estudou em Escola	Profissão	Idade	Classe de origem
Mônica	SE	Negra	Candomblé	Solteira	Pública	Militante profissional	26	Popular
Bianca	SE	Negra	Católica	Casada	Pública	Servidora pública/professora	35	Popular
Verônica	SE	Parda	Sincrética	Casada	Pública	Servidora pública/advogada	34	Popular
Marta	PE	Negra	Católica	Casada	Pública	Servidora pública/assistente social	44	Popular
Luciana	SE	Negra	Cristã	Solteira	Pública	Militante profissional	23	Popular
Carlos	Al	Pardo	Espírita	Casado	Pública	Dirigente e educador técnico	29	Popular
Lucas	BA	Pardo	Cristão	Solteiro	Pública	Técnico em Informática/cargo comissionado	29	Popular
Felipe	SE	Branco	Cristão	Solteiro	Particular	Servidor público/policial militar	30	Média
Cristiano	SE	Negro	Católico	Solteiro	Pública	Secretário/Cargo Comissionado	32	Popular
Pedro	CE	Branco	Espiritualista	Casado	Pública	Servidor público/advogado	38	*
Paulo	SE	Negro	Ateu	Casado	Particular	Pregoeiro/cargo comissionado	36	Média
Miguel	SE	Mistura do	Ateu	Casado	Particular	Dirigente (PT)	35	Média

Como podemos observar dos (as) 12 dirigentes, quatro são mulheres, quatro não são naturais de Sergipe, seis se consideram negros, na categoria religião há uma variação desde aqueles que são do candomblé a aqueles que são ateus, dos 12 atualmente 7 são casados, 9

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

estudaram em escolas públicas, dos 12, 4 tornaram militantes profissionais, alguns se tornando dirigentes partidários, atualmente a idade varia entre 23 e 44 ano e 8 se reconheceram como de classe popular.

Quadro 2 - Engajamento e relação dos pais com a militância e participação dos amigos

Nome	Engajamento militante ou político dos pais	Posicionamento dos pais com relação à militância	Participação dos amigos na militância
Pedro	Nenhum engajamento político	Não interferia	Maioria dos amigos não era militante
Kalliany	Nenhum engajamento político	Não interferia. Sentia orgulho.	Alguns amigos eram da militância
Marta	Nenhum engajamento político	A mãe não apoiava ²	Maioria dos amigos era militante
Miguel	Nenhum engajamento político	O pai não concordava. A mãe apoiava	Maioria dos amigos era militante
Paulo	Nenhum engajamento político	Apoiam e gostavam da militância	Nem todos os amigos eram militantes
Bianca	Nenhum engajamento político	Não apoiavam	Maioria dos amigos era militante
Cristiano	Nenhum engajamento político	Aprovavam a militância	Todos os amigos eram militantes
Carlos	Nenhum engajamento político	Aprovava a militância universitária	Todos os amigos eram militantes
Lucas	Nenhum engajamento político	Apoiava, desde que não interferisse nos estudos	Nem todos os amigos eram militantes
Felipe	Nenhum engajamento político	Em certa medida desaprovavam	Nem todos os amigos eram militantes
Mônica	Nenhum engajamento político	Não era contra. Em parte sentia orgulho	A maioria dos amigos é militante
Luciana	Nenhum engajamento político	Não aprovam	Nem todos os amigos eram militantes

Nenhum dos pais dos ex-dirigentes do DCE tiveram engajamento em algum espaço político e nenhum teve influência na entrada deles na militância. Alguns deles ressaltaram a importância de tios e vizinhos para a entrada na militância, a maioria destacaram os amigos que construíram antes de entrarem na Universidade e depois que ingressaram na instituição como pessoa que foram determinantes para o engajamento na militância, além de encontros, congressos e cursos de formação política. A relação dos pais com a militância para alguns nunca foi algo tensionado ou mesmo que influenciasse na sua saída da militância, mas para outros era algo problemático, pois o fato de ter que alguns momentos se afastar da família para se dedicar a militância, era algo que gerava conflitos e também determinava formas de atuação diferente no movimento estudantil. Observamos que quanto maior é a rede de amigos

² O pai de Marta faleceu quando ela tinha cinco anos de idade.

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

que também atuam na militância maior é a probabilidade que ao sair do movimento estudantil eles continuem militando.

Quadro 3 - Perfil acadêmico

Nome	Ano de início	Conclusão do curso	Curso	Segunda formação ou pós-graduação
Mônica	2008	Cursando	Serviço Social (Atual)	Agronomia e Biologia (Incompleto)
Bianca	2003	2007	Geografia	Mestre e doutoranda em Geografia
Verônica	1999	2003	Direito	Não
Marta	1999	2003	Serviço Social	Direito
Luciana	2011	Cursando	Farmácia	Química Industrial (Incompleto)
Carlos	2008	2014	Filosofia	Não
Lucas	2007	2014	Ciências Econômicas	Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente
Felipe	2008	Concludente	Geografia	Não
Cristiano	2007	Cursando	Letras Português-Francês	Não
Pedro	1997	2001	Direito	Não
Paulo	2001	2009	Administração	Não
Miguel	1999	2002	Serviço Social (atual)	Não

Aqueles militantes que apostaram na militância, principalmente em movimentos sociais, e na militância partidária, ou nas duas coisas, demoraram mais tempo a concluírem o curso. O que percebemos com base nas entrevistas é que esses investiram mais tempo, mais recursos financeiros, recursos militantes e políticos durante o movimento estudantil universitário que em alguns momentos gerou oportunidade para eles ocuparem cargos de liderança tanto em entidades nacionais de representação estudantil, quanto em partidos políticos.

Quadro 4 - Perfil militante

Nome	Mov. est. Secundarista	Mov. est. universitário	CAs, DAs ou Executivas de curso	Mov. sociais ou sindicatos	Partido político	Continuidade e na militância
Mônica	Sim	2008	Sim	Sim	Consulta Popular	Sim
Bianca	Sim	2003	Sim	Sim	Não	Não
Verônica	Não	2000	Não	Sim	Não	Não
Marta	Sim	1999	Sim	Sim	Não	Sim
Luciana	Não	2012	Sim	Sim	Não	Sim
Carlos	Sim	2008	Sim	Sim	PCdoB	Sim
Lucas	Não	2007	Sim	Não	Não	Não
Bruener	Não	2011	Não	Não	Não	Não
Cristiano	Sim	2007	Sim	Não	PCdoB	Sim
Pedro	Sim	1995	Sim	Não	PSB	Sim
Paulo	Não	2001	Sim	Não	PCdoB	Não
Miguel	Não	1999	Sim	Sim	PT	Sim

Dos 12 entrevistados, 6 participaram do movimento secundarista e já se filiaram a partidos políticos. Essas informações são importantes, na medida em que percebemos que elas, mais o conjunto de informações que já foram apresentadas sobre os ex-presidentes, revelam tipos de *carreiras* militantes e implicaram também na atuação dos dirigentes no movimento estudantil. Nesse sentido, apesar de nem todos ex-dirigentes terem sido filiados a partidos políticos, na composição de forças que formaram a gestão em que eles presidiram tinha militantes filiados e em alguns casos, partidos políticos e políticos partidários que orientavam diretamente a atuação da gestão (SANTOS, 2016).

2. Tipos de carreiras militantes

Classificamos a partir das informações apresentadas na sessão 1 três tipos de modalidades de carreiras militantes que nomeamos e caracterizamos da seguinte forma: (i) o “dirigente militante”, ou seja, aquele que teve uma militância estudantil no secundário e construiu redes de contatos, acumulou experiência prática, política e teórica que pôde ser mobilizada dentro do movimento estudantil universitário, e em alguns casos na atuação profissional, como projeto de vida; (ii) o “dirigente partidário”, isto é, aquele que não teve participação no movimento secundarista, mas que construiu redes de contatos principalmente com partidos políticos e movimentos sociais, durante o ensino básico ou durante o ensino superior, que foram mobilizadas tanto para o movimento estudantil universitário quanto para um projeto profissional e/ou partidário pessoal; por fim, (iii) o “dirigente estudante”, que constitui aquele militante que não participou do movimento secundarista, que durante sua carreira militante não construiu redes densas de contatos e de pertencimento com a militância que pudessem ser reconvertidas para um projeto profissional ou político.

De forma detalhada, apresentaremos e situaremos os 12 ex-presidentes baseando-se nesses três tipos de carreiras.

2.1 Dirigentes militantes

Pedro, dirigente do DCE da gestão *Com Posição* 1999/2000, participou do movimento secundarista, mas não ocupou nenhum cargo de dirigente no grêmio. Na época, o

ex-dirigente morava em Fortaleza e participou das manifestações do “Fora, Collor” em 1992. Segundo Pedro, ele participava de vários debates políticos que um grupo de estudantes de Filosofia da Universidade Federal do Ceará faziam, foi nesses espaços de discussão, em mobilizações organizadas por esse grupo em prol do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor e das leituras que ele fazia de duas revistas específicas, a *Revista Princípio* e *Classe Operária* do PCdoB, que Pedro construiu uma visão idealista e radical do movimento estudantil. Ele ressalta que essa visão também, em parte, foi construída sobre a memória da luta estudantil durante o regime militar.

Segundo Pedro, quando tinha uns 15 anos de idade, ele queria ser *punk*, além da influência inicial do grupo de debate da UFC, no bairro que o ex-líder estudantil morava, havia um grupo de amigos que formaram a Frente de Libertação da Aerolândia; o grupo era formado por universitários, adolescentes e militantes do secundário. Pedro diz que apesar do grupo ter surgido como uma brincadeira e ele não ser uma liderança no grupo, eles faziam reivindicações, organizavam passeatas que tinham um cunho político muito forte.

Pedro não participou efetivamente de movimentos sociais, mas participava de discussões com o MST, com Centrais Sindicais. Segundo ele, foi filiado ao PT, onde o colocaram como suplente de Márcio Macedo em uma executiva, contudo, como ele não era de nenhum grupo político, ou seja, não fazia parte de nenhuma corrente do PT, com efeito, saiu do partido. Pedro ressalta em sua fala que quando se está no PT é preciso participar de alguma corrente, se não “dança no partido”. Ele sai do PT em 2006, por conta dos escândalos do mensalão. Quando se formou e saiu do movimento estudantil universitário, Pedro ainda acompanhou a gestão de Verônica e viu se formar a gestão de Marta. A seguir, muda para Salvador, depois para Alagoinhas-BA no final de 2002, retornando a Aracaju para visitar os pais, amigos e a namorada. Em uma dessas visitas, em 2006, um colega de militância do período do movimento estudantil universitário o convidou para se candidatar nas eleições de 2008.

Segundo Pedro, as propostas de campanha dele giravam em torno principalmente das questões ambientais e dos direitos dos animais, tais propostas estavam ligadas a causas que o ex-dirigente já defendia no âmbito profissional e pessoal. As redes de amizade, de militância e política construídas no movimento estudantil universitário e durante sua participação no PT foram mobilizadas em alguma medida para construção da sua campanha em 2008, apesar dos recursos financeiros e humanos disponíveis a partir dessas redes não terem sido suficientes para Pedro ganhar as eleições para vereador, esse caso demonstra como a socialização e a

construção de laços de amizades, militante e político foi fundamental para inseri-lo na política eletiva.

Outro “dirigente militante” é Cristiano Alves, da gestão de 2008, tal dirigente teve uma militância formal no movimento secundarista no Instituto Federal de Sergipe, nesse mesmo período já participava da UJS/PCdoB; quando entrou no movimento estudantil universitário mobilizou todos os contatos, as amizades, alianças, que foram feitas nos espaços de militância anterior à UFS. Segundo Cristiano, vários amigos do movimento estudantil secundarista entraram no mesmo período que ele na universidade, o que possibilitou que ele tivesse uma participação imediata no movimento estudantil universitário e um reconhecimento do grupo para que ele se tornasse o presidente da chapa para disputar a gestão do DCE, ainda quando era calouro. Assim como Pedro, Cristiano se candidatou a vereador durante uma eleição, contudo, se recusou a falar sobre o processo eleitoral.

Segundo Cristiano, ele construiu sua chapa com o apoio de 328 estudantes, sendo que apenas oito faziam parte da diretoria executiva, ou seja, apenas oito teriam a oportunidade de ocupar algum cargo de dirigente do DCE. Quando Cristiano saiu da direção do DCE, ele continuou na política partidária, acompanhando e apoiando as gestões *Integração*.

A presidente do DCE de 2002/2003, Marta, também é uma “dirigente militante”, iniciou sua militância aos 11 anos no movimento estudantil secundarista, em uma cidade pequena de Pernambuco. Mas a socialização política dela iniciou também com as leituras marxistas. Aos 12 anos já tinha lido o *Manifesto Comunista*, segundo Marta, na época em que ela estava no secundarista, sua irmã já estava na faculdade e essa diferença de nível de escolaridade contribuiu para que ela tivesse acesso logo cedo a determinadas leituras. Marta cursou parte do seu ensino básico ainda no período do regime militar, e nessa época ainda morava em Carpina-PE; enfrentou os mecanismos de controle do Estado para se organizar – nesse período os grêmios livres eram proibidos e ela se organizava nos Centros Cívicos, sua primeira participação foi como oradora. “Naquele instante, a gente participava de um movimento onde a gente se reunia fora da escola, a gente assumia a parte institucionalizada do centro pra não deixar que outras pessoas assumissem, mas as nossas reuniões eram mais fora do muro”. O envolvimento de Marta no movimento estudantil secundarista foi um dos motivos para que sua mãe se mudasse para Aracaju-SE, acreditando que ela sairia do movimento estudantil.

Marta ressalta dois episódios que foram marcantes durante a trajetória no movimento secundarista, primeiro: ainda em Pernambuco, na 5ª série, quando junto com outros colegas

organizou um motim para se manifestar contra uma fala racista e preconceituosa de um colega de sala contra um amigo negro da mesma classe; além de se manifestar contra colega, o motim foi organizado contra a atitude da assistente social que acompanhava a classe. Segundo Marta, após esse fato, ela se aproximou mais do grupo que ajudou a organizar o motim e eles começaram a debater política. O segundo episódio ocorreu quando Marta já estava morando em Aracaju e estudava no Colégio Governador João Alves Filho, durante o processo de redemocratização. Ela se organizou com alguns colegas para reivindicar a volta dos alunos que tinham sido expulsos do colégio durante o regime militar; encontrou alunos também do Colégio Atheneu Sergipense que também tinham sido expulsos, nesse momento eles organizaram o primeiro grêmio livre após o regime militar. A partir disso, outras reivindicações foram feitas, como por exemplo, contra a falta de professores, de material didático, para exigir a não obrigatoriedade do uniforme. Todo esse processo de reorganização estudantil e de reivindicações culminou em um dossiê que causou a expulsão de Marta do Colégio Governador João Alves Filho.

A expulsão de Marta mobilizou vários professores e professoras, o resultado do processo foi o afastamento de três diretores da escola, o retorno de Marta e de mais três colegas que foram expulsos. Mas após esse evento, Marta se afastou dos estudos por 10 anos. Segundo ela, foi um momento difícil, porque ela foi perseguida – jogaram um carro perto da casa dela; o caso envolveu a polícia federal e a imprensa: “Foi algo que mexeu muito comigo”, ressalta Marta.

No período que Marta ficou afastada dos estudos, casou e teve filhos, se envolveu com produção artesanal, plantas de árvores, costura; depois de um período, resolveu fazer supletivo e terminar o ensino básico, no ano seguinte fez vestibular para Serviço Social e entrou na UFS, ficou seis meses afastada do movimento estudantil, mas acabou se envolvendo novamente durante um período de greve. Por conta do respeito que tinha dentro do curso de Serviço Social, bem como o apoio de professores que já acompanhava sua trajetória de militância desde o movimento secundarista, e de outros colegas que já a conheciam desde esse período, ela foi escolhida para ser a presidenta da chapa “Sem Medo de Transformar”, a partir do entendimento que sendo ela, o grupo conseguira vencer.

Marta nunca foi filiada a partido político, chegou a encaminhar sua filiação ao PT em 1989, até 1994 ainda não tinha sido convalidado, e segundo ela, nesse momento o PT estava mais para social democracia e ela tinha uma postura de esquerda, aí ela retirou a filiação. Na universidade, Marta se articulava com o grupo do PSTU, apesar de não ter filiação. Participou

do MST, prestou assessoria por quase 10 anos à Diocese de Propriá, trabalhou em sindicatos, participou do MST e se envolveu com a causa quilombola e indígena. Marta não se candidatou a nenhum cargo eletivo, apesar de ter recebido propostas, como disse, atuou nos movimentos de base da sociedade, porém, a militância não se tornou um projeto de vida profissional.

Outro “dirigente militante” é Carlos, presidente das gestões de 2009 e 2010. Carlos iniciou sua militância muito jovem, assim como Marta, no movimento estudantil secundarista em Penedo-AL, sua cidade natal; e depois, quando se mudou para Aracaju, continuou militando no Colégio Agrícola no Quissamã, que fica localizado em um assentamento do MST. Uma experiência que marca o início da sua militância foi quando ele tinha mais ou menos 13 anos, quando organizou uma manifestação junto com o grêmio estudantil para reivindicar uma reforma na escola que estava prevista. Contudo, no dia do ato que seria feito em uma inauguração de uma obra do governo perto da escola, apenas Carlos apareceu e mesmo assim começou a se manifestar contra o governador dizendo: “Em vez de o senhor investir em educação, o senhor está aí, com seu grupo roubando o estado”. O governador ficou irritado com suas acusações e algumas professoras o levaram para dentro da escola, depois, segundo Carlos, a “polícia do governador” passou na escola e o pegou, antes, uma professora e o policial conversaram com ele; depois de liberado, o policial o deixou em um ponto de ônibus e ele foi para casa.

Nesse período, quando Carlos tinha 13 anos, ele se filiou ao primeiro partido político, o PT. Por influência de seu tio, que por muito tempo foi filiado ao PT e tentou se candidatar como vereador. Quando o ex-dirigente se mudou para Aracaju, já fazendo o ensino médio, se tornou dirigente do grêmio estudantil do Colégio Agrícola, organizando vários atos com os militantes do MST, e ainda nesse período mantém relações estreitas com os militantes do PT. Quando a liderança entra na UFS em 2008, no curso de Filosofia, ele já sabia quais eram os movimentos estudantis e as forças políticas que disputavam o DCE; o primeiro convite que recebeu na universidade veio dos militantes da UJS/PCdoB. Cristiano e Lucas o convidaram para contribuir na gestão que eles seriam dirigentes. O interessante é que Cristiano era uma liderança no movimento estudantil secundarista e já tinha contribuído para Carlos reorganizar o grêmio do Colégio Agrícola, neste sentido, é importante ressaltar como socializar os calouros em um ambiente de festa, como as calouradas, ou mesmo em festas mais particulares, é uma estratégia que as lideranças de alguns movimentos estudantis utilizam para recrutar militantes.

Carlos tira sua filiação do PT mais ou menos em 2008, quando começa a participar da UJS/PCdoB. Como o próprio relata, “de forma muito natural, a galera da UJS dizia ‘não, se você quiser continuar no PT e tal até você decidir’, aí, eu optei em realmente sair do partido [...] em 2008 ou 2007, por aí”. Carlos se filia ao PCdoB. Como presidente do DCE na gestão de 2010, pela segunda vez, ele recebe o convite de Edvaldo Nogueira (PCdoB) para ocupar o cargo de Coordenador de Juventude, na Secretária de Juventude e Lazer do Estado. Fica no cargo durante os três últimos anos do mandato do ex-prefeito, ou seja, de 2010 a 2012. Entre 2013 e 2014 ele se afasta um pouco da militância para concluir o curso, e o conclui em 2014.2. Começa a trabalhar na União Nacional das Cooperativas de Agricultura Familiar e da Economia Solidária (Unicafes) como diretor nacional e técnico agrícola.

Por outro lado, outra “dirigente militante”, Mônica, presidenta da gestão de 2014, fez da militância um projeto de vida profissional. Quando estudava no Colégio de Aplicação, entre a 5ª série e o 3º ano, não ocupou nenhum cargo de dirigente no grêmio estudantil, mas participava das manifestações, das atividades que o grêmio realizava, e nesse mesmo período participou do Movimento Passe Livre³ em Aracaju-SE, movimento em que a fez despertar para a militância. Em 2008, Mônica entra no curso de Biologia, com efeito, passa a integrar o Coletivo de Biologia, a Executiva Nacional de Biologia, faz vários cursos de formação política; a seguir, muda para o curso de Agronomia, onde participa do Espaço de Vivência de Agroecologia (EVA), que nesse período, segundo ela, tinha um caráter de movimento estudantil – atualmente está mais ligado à pesquisa de extensão da Universidade. O EVA foi um espaço de socialização bastante significativo na sua carreira militante e política, assim como o Estágio Interdisciplinar de Vivência, que é um curso de formação política para militantes do movimento estudantil, que ocorre durante 20 dias; ela participou em 2009, já fazendo parte da organização do curso.

Quando Mônica entra na Consulta Popular recebe a tarefa de participar da organização do Levante Popular da Juventude (LPJ)⁴ em Sergipe e dentro da UFS. Em 2013 ela recebe liberação do LPJ para não trabalhar formalmente e se dedicar apenas ao movimento. Existem duas formas para o militante se dedicar mais ao movimento: a primeira, aquela que Mônica se encontra – quando o militante recebe a liberação do movimento, passa a ganhar um salário para não precisar ter vínculo empregatício, ou seja, se dedica integralmente

³ Ver SANTOS, Adrielma Silveira dos. **Movimento Não Pago**: emergência e condições de representação no cenário público de Aracaju/Se, 2014. Monografia (Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão (SE), 2014.

⁴ Para conhecer mais sobre a história do LPJ, ver o trabalho de Ruskowski e Silva, 2010.

ao movimento; o segundo tipo é quando o militante recebe uma ajuda de custo do movimento para executar as tarefas – segundo Mônica, o valor não dá para pagar um aluguel ou sobreviver, mas permite ao militante pagar um plano telefônico, pagar as passagens para participar dos eventos, manifestações, entre outras coisas. Segundo a dirigente, essa é uma estratégia que o movimento tem principalmente para conseguir manter os militantes de periferia no movimento que não teriam condições de participar da militância sem essa ajuda de custo. Em Sergipe apenas Mônica recebe liberação do LPJ.

Além de ser coordenadora do LPJ em Sergipe, Mônica assumiu em 2013 a Diretoria Nacional de Mulheres da UNE, entre o período de 2013 a 2015; nesse mesmo período o LPJ e seus apoiadores começam a lançar chapa para o DCE. Em 2014, Mônica assumiu como presidenta do DCE e em 2015 como diretora de finanças da entidade, além disso, no segundo semestre de 2015, assumiu um cargo na Diretoria Executiva de Direitos Educacionais da UNE, e foi preciso que se mudasse para São Paulo, já que esse cargo demanda muita reunião e viagens. Diferentemente dos casos anteriores de “dirigentes militantes”, Mônica é a única que se torna uma militante profissional, que faz da militância um trabalho e que organiza sua vida profissional, acadêmica, familiar, afetiva e de amizade a partir das experiências de militância e de toda a responsabilidade e dedicação que a militância profissional exige.

2.2 Dirigentes partidários

Em alguns casos, os “dirigentes partidários” tiveram contato com o movimento estudantil secundarista, acompanhava de forma distanciada, como foi o caso do presidente do DCE de 2006, Paulo, e da presidenta de 2007, Bianca. Bianca estudou no Colégio Atheneu Sergipense, segundo ela, a escola tinha um grêmio estudantil, mas ela nunca participou do movimento, acompanhava determinadas atividades, participava do teatro da escola, de alguns debates políticos que aconteciam que não eram necessariamente ligados ao grêmio. Apesar de não participar do movimento estudantil secundarista, segundo a ex-dirigente, gostava de participar da política e acompanhar as eleições. Ela acompanhou as eleições de Fernando Collor e Lula nesse período do ensino básico, e nesse momento já tinha um posicionamento político-ideológico e também um partido político de preferência, o PT. Bianca explica que nunca se filiou ao PT ou a outro partido político, era “petista de coração”. As leituras feitas durante o ensino médio a partir da influência de alguns professores de Geografia e História também fizeram parte da sua socialização política.

Bianca tentou o vestibular da UFS algumas vezes, até conseguir passar para o curso de Geografia. Quando entrou na UFS em 2003, o grupo hegemônico no movimento estudantil geral era a Articulação de Esquerda do PT. Havia um amigo de curso, que também era amigo de infância e de bairro, que participava da gestão do DCE, foi a partir dele que ela começa a se aproximar do grupo da AE; entra no CA do seu curso por meio do convite de outro amigo de curso. Algo interessante da trajetória de Bianca é que a entrada no CA não marca de fato o momento em que ela “entra” no movimento estudantil universitário, mas, sim, quando ela participa de um Encontro Regional de Estudantes de Geografia (Eregene).

Bianca ressalta que durante sua trajetória na universidade é preciso fazer um paralelo com o governo Lula, pois quando ela estava entrando na UFS em 2003, ele estava assumindo como presidente da República. Ela disse que fez campanha para o ex-presidente, que no início de sua atuação no movimento estudantil da UFS defendia ele com “unhas e dentes”, acreditando que sua gestão iria sanar com os problemas dos pobres e oprimidos. Mas ela se frutou com relação à atuação do líder petista e se frustrou com o grupo do PT que atuava na Universidade. Bianca começa a organizar junto com outros colegas o Movimento Resistência e Luta; a partir desse movimento organiza uma chapa e disputa as eleições do DCE de 2007 (SANTOS, SANTOS, OLIVEIRA, 2015; SANTOS, 2016). Segundo ela, sua atuação no movimento estudantil termina junto com a sua gestão, pois ela já trabalhava como professora nesse período e não teve como continuar. Ela continua a militância a partir de um modelo formal, participa da Associação de Geógrafos Brasileiros, quando retorna para a UFS em 2011 para fazer mestrado começa a acompanhar o movimento estudantil, mas sem atuação efetiva, ainda participa de festas e calouradas organizadas pelos estudantes.

Diferentemente de Bianca, que continuou sua militância principalmente a partir de uma demarcação de postura e produção intelectual na academia, como também, a partir das suas aulas no ensino médio, Paulo, presidente do DCE de 2006, continuou sua militância onde ela foi iniciada, no espaço político partidário. Paulo não participou do movimento estudantil secundarista, estudou em escola particular, onde não existia, segundo ele, uma forte atuação de grêmio estudantil, mas foi durante o ensino básico que Paulo teve os primeiros contatos e socialização na política partidária. Aos 10 anos de idade, um vizinho que era dirigente do PT o levou para participar da campanha de Lula para as eleições de 1998. Nesse período, ele teve alguns colegas de escola e vizinhança que já eram atuantes, como por exemplo, Bruno (PT), que foi vice-presidente da gestão do DCE de 2003/2004.

Apesar da influência petista no início do seu engajamento político, Paulo se filia em 1998 ao PCdoB – alguns dos seus amigos tinham engajamento no PT e no PCdoB –, entra na universidade em 2001 no curso de Administração, participa do CA do seu curso e da Federação Regional dos Estudantes de Administração – nunca participou de movimentos sociais. Durante sua atuação no movimento estudantil participou de vários congressos da UNE, encontros de estudantes, cursos de formação política, dentre os vários espaços de socialização política e militante de sua trajetória no movimento estudantil está o Fórum Mundial de Estudantes da Venezuela.

Durante sua trajetória acadêmica o presidente explica que “militava mais do que estudava”, isso demarca um projeto de vida profissional e político, pois ele terminou o curso de Administração em 2009, além de ser presidente do DCE em 2006, se torna presidente estadual da UJS/PCdoB; sai da atuação do movimento estudantil para ocupar um cargo de dirigente no PCdoB – entre 2011 e 2013⁵ participa da direção nacional do PCdoB; segundo Paulo, no cargo de Secretário Geral Estadual do partido. As redes sociais mobilizadas por Paulo durante sua gestão no DCE estavam ligadas principalmente ao PCdoB e à juventude do partido, tais redes contribuíram não apenas em sua gestão, mas também para as gestões *Integração*. Paulo continua sua participação política no PCdoB, ainda sem nenhum tipo de atuação no associativismo.

Assim como Paulo, Miguel e Luciana são “dirigentes partidários”, se engajaram no movimento estudantil quando entraram na Universidade. Da mesma forma que Paulo, Miguel estudou em colégio particular, no qual não existia a presença de um grêmio estudantil atuante. Seu primeiro contato com o movimento estudantil universitário foi em uma assembleia estudantil para discutir uma greve, que participou a partir do convite de Marta – os dois eram colegas de curso. Depois desse primeiro envolvimento, alguns amigos, como Elton, que era dirigente do PT já e coordenador da Articulação de Esquerda em Sergipe, iniciaram a socialização dele através de algumas leituras. O primeiro livro que Miguel recebeu foi *Socialismo e Barbárie*, que é uma coletânea de resoluções, documentos da tendência Articulação de Esquerda.

Algo que marca o início da sua militância é sua experiência de trabalho em uma loja do shopping, quando ele começa a discutir as condições de trabalho com um colega e o conceito de Mais-Valia. Essa experiência de trabalho, é um divisor na sua carreira militante,

⁵ Ver em <http://www.pcdob.org.br/texto.php?id_texto_fixo=80&id_secao=145>, acesso em: 4 jan. 2006.

como também contribui para o seu posicionamento político. Quando assumiu a presidência do DCE, em 2004, logo precisou se ausentar para assumir uma diretoria na UNE, o que o leva a se mudar para São Paulo e, além de receber uma ajuda da mãe para se manter, recebeu apoio financeiro e alojamento de Elton, que tinha condições financeiras. Miguel recebia um salário da UNE, assim como Mônica recebe, contudo, o pagamento atrasava e diante disso ele precisava mobilizar recursos financeiros de outras fontes, como os pais e amigos. Além de ter sido diretor da UNE, Miguel participou do CA de Serviço Social, da executiva de curso de Serviço Social, participou do MST, é filiado ao PT desde 2001 e atualmente é dirigente do PT, no cargo de Secretário de Organização Estadual. Articula-se principalmente com o SINTESE e com o MST.

Miguel ainda acompanha o movimento estudantil universitário, não mais como estudante, apesar de ainda não ter se formado no curso de Serviço Social, mas como mediador. A vice-presidente do DCE 2014/2015, Luciana, faz parte dessa nova geração que entra no movimento estudantil em 2012 e começa a disputar o DCE em 2013, por meio do apoio de duas correntes do PT, Consulta Popular e LPJ, e de alguns coletivos partidários (SANTOS, 2016). A presidenta em exercício entrou na UFS inicialmente em 2010 no curso de Química Industrial, mas interrompeu o curso e mudou, em 2011, para Farmácia, no qual permanece até hoje. Não teve atuação no movimento estudantil secundarista e nenhum outro tipo de militância, antes do movimento estudantil universitário. Sua motivação para entrar na militância estudantil foi a falta de estrutura e as dificuldades diárias do curso de Farmácia do campus da UFS na cidade de Lagarto. Foi secretária na assembleia de fundação do CA de Farmácia no campus, participou como coordenadora geral por duas gestões na entidade de base e conduziu todas as atividades do CA enquanto era da coordenação. Além disso, ela dirigia também o Comando de Greve.

Atualmente, além de integrar a diretoria executiva do DCE, é diretora de combate ao racismo da UNE e coordenadora geral do Coletivo Quilombo Nacional, que é um coletivo ligado ao PT. Segundo Luciana, ainda não é filiada ao PT. Mas, apesar disso, observamos que ela é uma das militantes que representa nas gestões *É Preciso Acordar* e *É Preciso Avançar* a política da corrente/PT EPS, que é vinculada ao deputado estadual João Daniel. Sem dúvida, a falta de redes prévias de militância estudantil não impossibilitou o “acesso à política estudantil”, muito menos a outros espaços políticos, pois Luciana construiu redes de contatos e alianças políticas densas logo no início da sua militância universitária, no movimento estudantil de base, onde foi o espaço que se destacou e conseguiu notoriedade – conseguiu

“ser vista” pelos grupos políticos apoiadores. Neste sentido, é válido ressaltar como ela resumiu sua experiência no CA da seguinte forma: “foi uma experiência maravilhosa que me ensinou muito sobre o respeito ao próximo e aguçou o meu poder organizativo e de liderança”.

2.3 Dirigentes Estudantes

Os três dirigentes considerados “dirigentes estudantes” têm características em suas trajetórias que se assemelham e se diferenciam ao mesmo tempo. Verônica, Lucas e Felipe não tiveram nenhum tipo de engajamento prévio antes do movimento estudantil. Nenhum deles foi do movimento estudantil secundarista. Mesmo depois da entrada no movimento estudantil universitário não se engajaram em coletivos, movimentos sociais, sindicatos ou partidos políticos. Segundo todos eles, nunca se filiaram a partidos políticos.

Apesar de não ter participado do movimento secundarista e nem de ter acompanhado as atividades do grêmio da sua escola, Verônica explica que sempre se envolveu com “coisas coletivas da escola”: foi líder de sala e organizou um jornal na escola junto com outros amigos a partir de uma atividade da disciplina de História. Seu primeiro envolvimento, portanto, com a militância ocorre na UFS. Ela foi convidada por um amigo que fazia o curso técnico de Ciência da Computação no IFS; quando ela passa para o curso de Direito, ele passa para Física e se encontram na universidade. Foi esse amigo que a levou para o movimento estudantil, “foi ele que me levou mesmo, que me conduziu pelo braço para o movimento”. Além desse amigo, outros colegas de curso tiveram influência na entrada de Verônica, como por exemplo, Pedro, presidente da gestão de 1999/2000.

Como o modelo de organização do grupo tanto de Pedro quanto de Verônica foi construído a partir de uma concepção em que os militantes antes de serem militantes eram estudantes, quando Verônica começa a participar do grupo, alguns integrantes já estavam perto de se formar, por isso, parte do grupo em que ela tinha construído uma amizade e uma militância densa não integra a diretoria executiva da sua gestão. Segundo Verônica, sua gestão termina apenas com ela e o vice-presidente atuando efetivamente. Durante sua gestão, não estabeleceu redes com partidos políticos, não participou de congressos da UNE, curso de formação política, nem estabeleceu articulação política com centrais sindicais como a CUT, movimentos sociais como o MST e sindicatos; só ocorreu de forma obrigatória ou por convite, uma vez que o DCE, em determinados momentos, precisa dialogar com organizações

da sociedade civil. Como a própria ex-presidente se classifica, ela era uma militante “às avessas”, pois não tinha o perfil e nem o estereótipo de militante do movimento estudantil. Segundo relatos de outros presidentes do DCE que a conheceram, ela era discriminada por não ter uma trajetória de militância e principalmente por ser considerada uma “patricinha”, contudo, isso eram apenas acusações para tentar deslegitimar suas ações.

Tanto a ausência de seus primeiros amigos de militância, as críticas ao perfil de militância que ela assumia quanto os vários atos de corrupção e o jogo político entre o movimento estudantil universitário e os partidos políticos fizeram com que Verônica se desengajassem do movimento estudantil e de qualquer outro tipo de militância associativa e partidária. O único engajamento formal que ela passou a ter após a militância no movimento estudantil foi a filiação ao sindicato da sua categoria profissional. Além disso, desde o início, a visão de Verônica sobre o que esperava do movimento estudantil e o que queria a partir da sua atuação foi diferenciada, o que implicou no modelo de organização que sua gestão expressou (SANTOS, 2016).

Os dois últimos “dirigentes estudantes” são Lucas e Felipe⁶, eles participaram das gestões *Integração* e o principal motivo dos seus desengajamentos foi o processo no Ministério Público Federal que investigou as irregularidades e uma suspeita de desvio de dinheiro durante as gestões que eles presidiram (idem.). Segundo os ex-presidentes, tal processo proporcionou um desgaste emocional, físico, psicológico e político nos dois, além de uma decepção com a política estudantil. Lucas, que é natural do interior da Bahia, ingressou sua experiência de militância na universidade – na escola que estudou não existia grêmio estudantil; segundo ele, eles nem sabiam o que era isso, mas, assim como Verônica, organizava atividades coletivas na escola. Quando entrou na UFS em 2007, no curso de Ciências Econômicas, estava ocorrendo vários debates a respeito da implementação do REUNI. Ele passou a integrar o grupo que era a favor, que em sua maioria eram militantes da UJS/PCdoB e que organizaram o movimento Pró-Aula (SANTOS, 2016).

Antes de participar da diretoria executiva do DCE, acompanhou duas gestões *Integração* a convite de alguns amigos – inclusive, de um que era natural da sua cidade natal. Antes disso, foi presidente do CA do curso de Economia, participou do CONSUL e foi presidente do DCE em 2010/2011. Diferentemente de Verônica, Lucas vivenciou

⁶ É importante ressaltar que a entrevista de Felipe foi feita via e-mail, foram feitas várias tentativas de realizá-la de forma presencial, contudo, o entrevistado, nesse período, estava com indisponibilidade de tempo, por conta do trabalho e da conclusão de sua monografia.

intensamente o movimento estudantil e durante quase cinco anos de militância participou de congressos, encontros estudantis, cursos de formação política, entre outros espaços de formação política.

Apesar de todo esse envolvimento das redes densas que Lucas construiu com militantes do PCdoB, o processo judicial contra sua gestão foi um evento que marca não só sua trajetória e sua saída da militância como a de alguns integrantes do seu grupo. Quando concluiu o curso de Ciências Econômicas, Lucas continuou na universidade, mas no nível de pós-graduação e, assim como Bianca, vê na produção intelectual científica um espaço para exercer a militância.

Por fim, Felipe participou do mesmo processo judicial que Lucas, como dito anteriormente, o processo no MPF motivou sua saída da militância. Ele entra na universidade em 2008, e começa a militar através da influência de Cristiano, Lucas e outro militante do grupo *Integração*, em 2011. Os eventos que marcam sua entrada na militância são o CONUNE, que ocorreu em Goiânia em 2011; uma palestra do ex-presidente da República, Lula, no mesmo ano; e um ato em prol do RESUN, quando o restaurante estava parado. Felipe não participou do CA nem da executiva de curso de Geografia, e não continuou em nenhum espaço de militância, nem associativa e nem partidária.

Conclusão

O objetivo desse *paper* foi analisar as carreiras militantes dos ex-presidentes do DCE a partir dos espaços de socialização, das relações interpessoais e das condições sociais de origem. Neste sentido, vimos que os ex-dirigentes do DCE investiram e interpretaram sua participação no movimento estudantil universitário de diferentes formas. Para alguns, a participação e o engajamento em tal movimento contribuiu para ampliar as redes sociais e proporcionar oportunidades profissionais e políticas durante e depois do seu engajamento no movimento; para outros, a participação contribuiu para uma formação profissional engajada, mas não para uma continuidade efetiva no militância; já em outros casos, a participação no movimento estudantil universitário promoveu o desengajamento militante em movimentos sociais, partidos políticos, bem como em outras organizações.

Como vimos, para alguns dirigentes a militância estudantil rompeu os muros da universidade e da vida pessoal e profissional dos dirigentes, se tornou um projeto de vida;

Para quem milita sempre haverá o conflito entre a militância e o estudo, são duas esferas que demandam uma dedicação intensa. O que foi possível observar é que quem assume a militância como um projeto de vida profissional ou partidário não vê isso como algo prejudicial à formação profissional e pessoal, apesar do conflito existir constantemente.

Agora, por outro lado, quem vê a militância estudantil apenas como uma forma de participação política momentânea que se encerra junto com o curso, esses conflitos entre as diferentes esferas de socialização implicará em uma atuação menos engajada e menos preocupada em construir redes de contato que reproduza a sua política ou a política do seu grupo dentro da universidade. Alguns eventos como corrupção, fraudes, irregularidades administrativas ou mesmo manifestações que foram altamente publicizadas podem proporcionar esses conflitos entre as esferas da vida, como a esfera familiar e militante. Portanto, algo que, de fato, observamos, e que foi importante para a permanência ou desengajamento político dos (as) presidentes (as) do DCE, é a densidade das redes que eles contraíram durante o movimento estudantil universitário; os espaços de formação e socialização política que eles tiveram antes e durante sua gestão; as redes de amizade e de militância construídas em movimentos sociais, partidos políticos, coletivos e na UNE; as motivações e o que eles esperavam da sua militância no movimento estudantil.

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard. S. Outsiders. **Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 232pp

OLIVEIRA, Wilson José F. de. **Paixão pela natureza**: atuação profissional e participação na defesa de causas ambientais no Rio Grande do Sul entre 1970 e início dos anos 2000. Tese (doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.

_____. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.3. Brasília, jan/jul. 2010. pp. 49-77.

REIS, Eliane Tavares. Militâncias, alianças e ocupação de cargos políticos não-eletivos. **Cadernos CERU (USP)**, v. 20, 2009. pp. 171-187.

SANTOS, Adrielma Silveira Fortuna dos. **Movimento Estudantil Universitário: Modelos De Organização, Redes Sociais e Engajamento Individual (2000-2015)**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016, 225f.

_____; OLIVEIRA, Wilson José F. de. SANTOS, Jonatha Vasconcelos Jovens e militantes: movimento estudantil universitário, juventudes partidárias e “improvisação” como forma de ação coletiva. In: 39o Encontro Anual da Anpocs, 2015, Caxambu. **Anais...** Caxambu/MG, 2015.